

caçador sem coração
série mariposa escarlata, livro 1
kristen ciccarelli

Tradução de Sónia Silva



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

**PARA AQUELES QUE TÊM MEDO DE
SER QUEM REALMENTE SÃO**



Camaradas! Só com a morte do velho mundo poderemos evitar o regresso do mal. Temos de destruir estas bruxas e extinguir a sua magia. Tudo é permitido em nome deste propósito maior: a libertação da sua opressão.

Que o seu sangue manche as ruas para sempre.

NICOLAS CREED, O VOSSO BOM COMANDANTE





PRÓLOGO

Quando a Guarda de Sangue suspeitava que uma rapariga era bruxa, arrancavam-lhe as roupas e procuravam-lhe cicatrizes no corpo. Durante o reinado das Rainhas Irmãs, as bruxas exibiam as suas cicatrizes de feitiço com orgulho, mostrando o seu poder como se fossem anéis de joias ou roupas de seda. As cicatrizes indicavam riqueza, posição social e, acima de tudo, *magia*.

Agora, eram o sinal dos acossados.

A última vez que Rune viu as cicatrizes de uma bruxa foi há dois anos, depois de as rainhas bruxas terem sido assassinadas nas suas camas e o sangue do seu conselho ter corrido pelas ruas. A Guarda de Sangue tomou o controlo da cidade, e começaram as purgas.

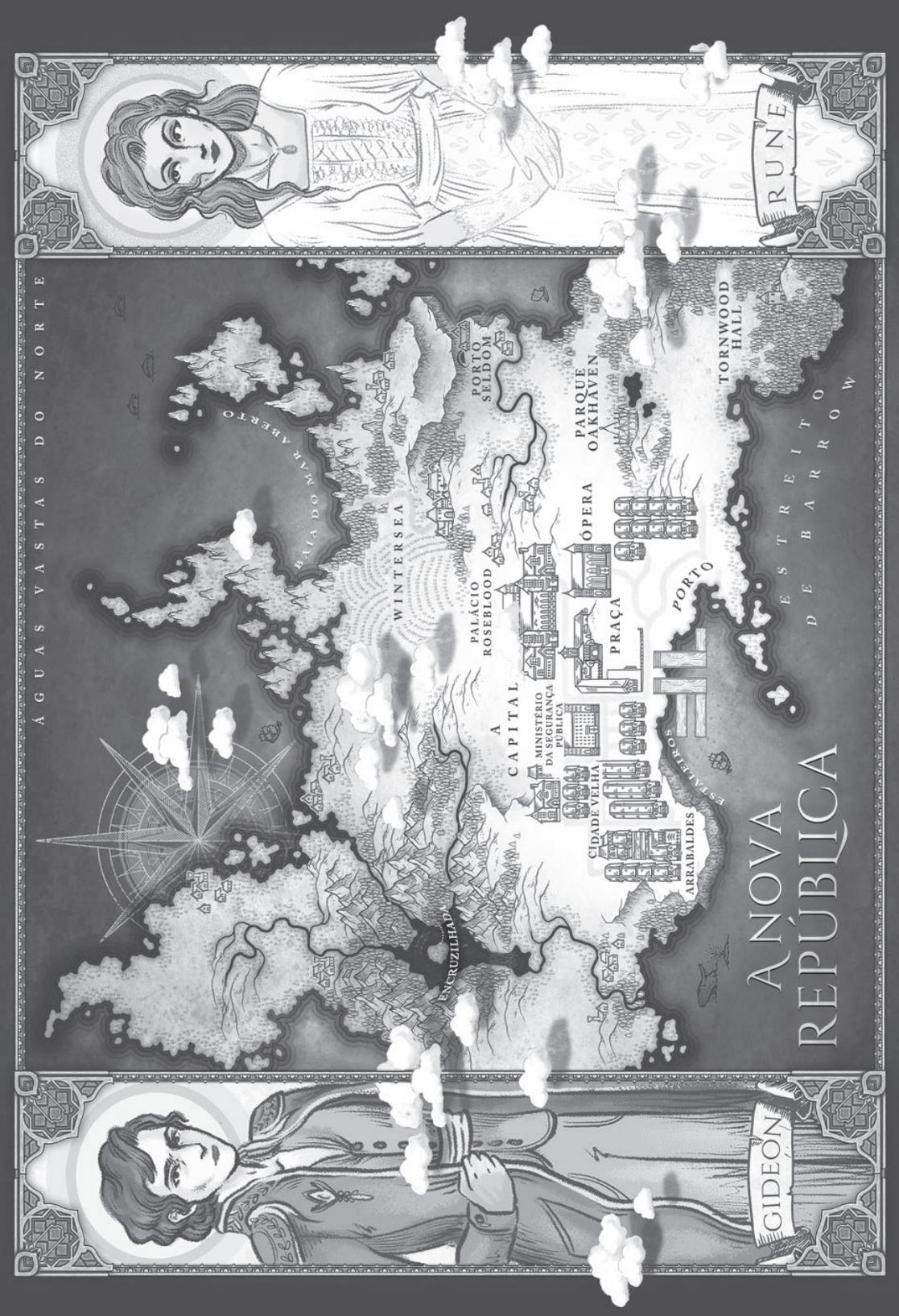
O sol estava já a pôr-se quando uma multidão se juntou no centro da cidade envolta em nevoeiro. Rune estava entre eles, incapaz de ignorar os olhares sedentos e febris à sua volta. As pessoas queriam vingança. Queriam saborear essa vingança com o prazer de um vinho tinto encorpado.

As gaivotas guincharam no céu enquanto a velha bruxa subia, a cambalear, os degraus da plataforma de purga. Ao contrário dos que vieram depois dela, a anciã nem chorou nem implorou por misericórdia, mas enfrentou o seu destino com um olhar estoico. A Guarda de Sangue rasgou uma manga da sua camisa, revelando a prova dos seus crimes: cicatrizes padronizadas a descer pelo seu braço esquerdo, gravadas como um delicado rendilhado branco contra a sua pele dourada.

Rune não pôde deixar de as achar belas. Outrora um sinal de superioridade, as cicatrizes eram agora impossíveis de esconder, tornando a velha uma presa fácil para os caçadores de bruxas.

Era por isso que Rune nunca se cortava.

Não podia arriscar que eles encontrassem as cicatrizes.



ÁGUAS VASTAS DO NORTE

BALIA DO MAR ABERTO

WINTERSEA

ENCRUZILHADA

PORTO SELDOM

A CAPITAL

MINISTERIO DA SEGURANCA PUBLICA

CIDADE VELHA

ARRABALDES

PRACA

OPERA

PARQUE OAKHAVEN

TORNWOOD HALL

SOBREVAZES

PORTO

DESTRITO DE BARROW

A NOVA REPÚBLICA

RUNE

GIDEON

UM

RUNE

MIRAGEM: a categoria mais baixa e básica de feitiço. Feitiços de Miragem são ilusões simples, mantidas por curtos períodos, requerendo pouco sangue. Quanto mais fresco o sangue, mais forte será a magia e mais fácil será o feitiço.

Regras da Magia, por Rainha Callidora, a Valente

Relâmpagos serpeavam pelo céu enquanto Rune Winters atravessava a floresta molhada, mal abrigada da chuva pela copa dos pinheiros. A luz da lanterna iluminava o caminho à sua frente, interrompido por raízes retorcidas e poças de água da chuva.

Era uma noite terrível para lançar feitiços. A chuva encharcava-lhe a capa, e a humidade fazia os símbolos de feitiço, que desenhara no pulso com sangue, desvanecerem-se. Precisava de redesenhar os símbolos antes que a chuva os apagasse de todo, levando consigo a sua magia.

A ilusão que disfarçava Rune tinha de se manter até ter a certeza de que Seraphine não a mataria.

Como antiga conselheira das Rainhas Irmãs, Seraphine Oakes era uma bruxa poderosa. E, após dois anos de busca, Rune finalmente encontrara-a. Agora que o tinha feito, o que a esperava no topo desta colina arborizada — amiga ou rival?

Rune mordeu o lábio, inquieta, ao lembrar-se das últimas palavras da sua avó, há dois anos.

Promete-me que vais encontrar a Seraphine Oakes, minha querida. Ela vai contar-te tudo o que eu não consegui.

Depois de a Guarda de Sangue ter prendido a sua avó e a ter arrastado para fora de casa, pintaram um X sangrento na porta da frente, declarando a todos que um inimigo da República fora encontrado e estava a caminho da purga.

A memória desse dia perfurava-a como uma faca.

Um zumbido de ansiedade pulsava no sangue de Rune enquanto continuava a avançar. Como uma abertura, crescendo cada vez mais alto e rápido. Se Seraphine visse através da ilusão que ocultava Rune antes de a ouvir, poderia expulsá-la de sua casa — ou pior, matá-la.

Porque, onde quer que Rune Winters fosse, a sua reputação cuidadosamente construída acompanhava-a.

Ela era uma informadora. Uma inimiga das bruxas. Uma protegida da Nova República.

Rune era a rapariga que traiu a sua avó.

Era por isso que esta noite se disfarçara de velha vendedora ambulante, conduzindo uma mula carregada de mercadorias. O cheiro a mula molhada pairava no ar, e o seu carregamento de tachos e panelas tilintava a cada passo da criatura — cada detalhe evocado pela magia no sangue de Rune e mantido pelos símbolos desenhados no seu pulso, que ligavam o feitiço a ela.

Era uma Miragem — a mais básica das classificações de feitiço — e, mesmo assim, tinha exigido toda a energia mental de Rune para a lançar. A dor de cabeça resultante ainda martelava nas suas têmporas.

Os ramos agitavam-se com a chuva. Relâmpagos iluminavam o céu, revelando a pequena cabana empoleirada à beira da falésia, onde a floresta terminava. As janelas brilhavam com a luz quente de lamparinas, e Rune podia sentir o cheiro do fumo da lenha a sair pela chaminé.

Com os seus símbolos de feitiço a desvanecer rapidamente, a ilusão oscilou à sua volta. Ela precisava que o feitiço se sustentasse por mais um pouco.

Pousando a lanterna, Rune retirou o frasco de vidro escondido no seu bolso e destapou-o. Molhando o dedo no sangue dentro do frasco, aproximou o pulso da luz da lanterna e redesenhou os símbolos, reforçando-os. Um alterava a sua aparência — envelhecendo o cabelo, enrugando a pele e curvando os ombros —, enquanto o outro invocava a aparência ilusória da mula ao seu lado.

No segundo em que terminou, o feitiço rugiu-lhe aos ouvidos e o sabor a sal inundou-lhe a língua. A ilusão refez-se, os laços com Rune fortalecidos, e a dor nas suas têmporas latejou com mais intensidade. Engolindo o amargor salgado da magia, puxou o capuz sobre o cabelo, cerrando os dentes contra a dor de cabeça que piorava, e então pegou na lanterna e saiu da floresta, continuando pelo caminho em direção à casa.

A lama agarrava-se às suas botas. A chuva fustigava-lhe o rosto.

O coração ameaçava saltar-lhe do peito. O que quer que acontecesse

quando aquela porta se abrisse estava agora nas mãos dos Antigos. Se Seraphine visse através da sua magia e a amaldiçoasse até à morte, não seria mais do que aquilo que Rune merecia. E se ela mostrasse misericórdia...

Rune mordeu o lábio, tentando não ter esperança.

Ao atravessar o quintal, ouviu o relinchar ansioso de um cavalo, provavelmente assustado pela tempestade. Quando chegou à casa, encontrou a porta da frente já aberta e um triângulo de luz dourada a derramar-se pelo pátio. Os seus dedos rígidos fecharam-se contra o anel de latão da lanterna. Estaria Seraphine à espera dela?

Algumas bruxas previam fragmentos do futuro — embora atualmente fosse uma habilidade rara e inconstante. Nada comparado com as profecias claras das poderosas sibilas de antigamente. Talvez Seraphine fosse uma delas.

O pensamento fez Rune endireitar os ombros e obrigar-se a continuar. Se Seraphine tinha previsto este encontro, sabia quem Rune era e que ela vinha.

Mais uma razão para acabar com isto de uma vez.

Deixando para trás a ilusão da mula no quintal, Rune cruzou o limiar da casa. Ninguém a esperava. O fogo ardia baixinho na lareira, as brasas a brilhar em vermelho, e um prato de comida estava sobre a mesa, o molho já coalhado como se estivesse ali há algum tempo. A chuva que entrava pela porta aberta molhava o chão de pedra sob os seus pés.

Rune franziu a testa.

— Olá?

Respondeu-lhe o silêncio.

— Seraphine?

A casa gemeu ao som do nome da sua dona: as vigas a estalarem no teto e as paredes a abalarem-se com o vento. Rune olhou em volta, procurando qualquer sinal da mulher que ali vivia. A pequena casa continha apenas um único quarto, com uma cozinha num canto e um pequeno escritório no lado oposto.

— Tens de estar por aqui algures...

Uma escada rudimentar no centro da sala levava a um sótão. Rune subiu pelos degraus e encontrou uma cama por fazer e três velas acesas a derramarem cera amarela sobre as tábuas. Desceu e inspecionou a porta nas traseiras da casa, que dava para um jardim vazio.

Não havia sinal de Seraphine.

A pele de Rune arrepiou-se de inquietação.

Onde está ela?

O cavalo relinchou novamente à distância.

O estábulo. Claro. Se a criatura se tivesse assustado, Seraphine teria ido acalmá-la.

Com a lanterna na mão e a dor de cabeça ainda a latejar no crânio, Rune voltou a cruzar o limiar e entrou na chuva, deixando a porta entreaberta, recolhendo a ilusão da mula enquanto avançava. A chuva salpicava-lhe o pulso, e o feitiço tremia, lutando para se manter. Apressando-se, estava a meio caminho do estábulo quando algo se esmagou debaixo da sua bota. Na escuridão e na tempestade, era difícil ver, por isso agachou-se e pousou a lanterna na lama.

Era uma peça de roupa.

Rune pegou no tecido encharcado. Levantando-se, estudou o que tinha encontrado à luz da lanterna: um simples vestido de lã de trabalho. O tipo de roupa que uma criada usaria enquanto esfregava o chão.

Exceto que alguém o tinha rasgado nas costas.

Porquê que...?

Olhou para o caminho e viu uma segunda peça de roupa. Baixando-se, encontrou uma camisa interior de algodão, castanha de lama. Também rasgada nas costas. *Não*, pensou Rune, enquanto os seus dedos fustigados pela chuva traçavam as bordas desfiadas. *Não fora rasgada.*

Fora dilacerada.

Sentiu o estômago apertar-se.

Com o pulso exposto aos elementos, a chuva apagou completamente as marcas de feitiço, e a ilusão desfez-se. A dor de cabeça desapareceu com ela. Antes que pudesse refazer as marcas, levantou-se um vento repentino, rugindo como um lobo enfurecido.

BAM!

A porta da casa de Seraphine bateu com força.

Rune deixou cair o vestido de lã e girou para encarar a porta, prendendo a respiração. Com a porta fechada, o X sangrento revelava-se por completo, manchando de um lado ao outro a superfície de madeira.

O símbolo da Guarda de Sangue.

Seraphine não estava no estábulo a acalmar o cavalo. Os soldados tinham-na encontrado, despojando-a e levando-a.

A amiga mais antiga da sua avó estava nas mãos da Guarda de Sangue — o local mais perigoso onde uma bruxa poderia estar.

DOIS

RUNE

Rune cavalgava a cansada égua de Nan, *Lady*, pelas ruas envoltas em nevoeiro da capital.

Candeeiros elétricos iluminavam o caminho, a sua luz branca zumbia ao clarear as lojas fechadas que ladeavam a rua de ambos os lados. Os cascos galopantes de *Lady* nas pedras contrastavam fortemente com o silêncio circundante.

Já tinham passado dois anos desde que estas ruas se cobriram com o sangue das bruxas e a República da Paz Vermelha foi criada. Rune passara esses dois anos à procura de Seraphine Oakes, determinada a cumprir o último pedido da avó.

O regime executara todas as amigas bruxas de Nan, confiscando os seus bens e heranças. A única amiga que escapara à purga fora Seraphine, mas apenas porque tinha sido exilada pela antiga rainha quase duas décadas antes, e ninguém a vira desde então.

Agora, na noite em que Rune finalmente a encontrara, os caçadores de bruxas chegaram primeiro.

Seria coincidência? Ou alguém seguia os passos de Rune? Era de supor que isso fosse inevitável. Mas agora teria de ser especialmente cuidadosa. Se alguém dentro da Guarda de Sangue suspeitasse dela, teria de despistá-los.

Rune tentava não pensar no X sangrento na porta ou nas roupas rasgadas deixadas na lama. Sabia exatamente o que tinha acontecido a Seraphine. Vira-o em primeira mão no dia em que a Guarda de Sangue veio buscar Nan.

Foi Rune quem os chamou.

Imediatamente após a revolta, os soldados reuniram todas as bruxas conhecidas e purgaram-nas. O exército da Nova República tomou o controlo dos portos, garantindo que ninguém pudesse deixar a ilha.

Apoderaram-se dos navios de Nan, e era apenas uma questão de tempo até que os caçadores de bruxas viessem à Casa Wintersea para prendê-la.

Mas Nan tinha um plano. O seu antigo parceiro de negócios tinha um barco de pesca e estava a contrabandear bruxas para fora da ilha. O barco partia da sua enseada privada à meia-noite, e havia espaço para Nan e Rune a bordo da pequena embarcação, se conseguissem chegar a tempo.

Naquela altura, Rune tinha apenas dezasseis anos e ainda não tinha despertado para a sua magia. Nunca lhe passara pela cabeça que o faria, já que os seus pais biológicos não eram bruxos, e só bruxos geravam bruxos — embora, por vezes, a magia saltasse filhos e até gerações, tornando difícil prever.

Os pais de Rune morreram num terrível naufrágio quando ela era bebé, deixando-a órfã, sem família que a acolhesse. Assim, Nan adotou-a.

Mas não importava que Rune não fosse uma bruxa ou que não fosse parente de Nan por sangue. Sob a Paz Vermelha, o que importava era que Rune não tinha entregado Nan. Quando a Guarda de Sangue viesse buscar a sua avó, declarariam Rune como conivente e executá-la-iam ao lado de Kestrel Winters pelo crime de não denunciar uma bruxa.

Essa era a sua única oportunidade de fuga.

Rune estava a apressar-se a fazer as malas quando chegou uma mensagem de Alexander Sharpe, o seu amigo mais antigo.

Alguém vos traiu, dizia a mensagem. A Guarda de Sangue conhece os vossos planos. Os soldados prenderam o pescador esta noite e estão à vossa espera na enseada.

Mas as notícias na mensagem de Alex eram ainda piores: *As estradas que saem da cidade estão bloqueadas e estão a prender qualquer pessoa que não tenha autorização para viajar.*

Não havia para onde fugir; estavam presas na Casa Wintersea. Podiam esconder-se, mas por quanto tempo?

Tens de denunciá-la, Rune. Antes que seja tarde de mais.

A mensagem era clara: se Rune não entregasse Nan imediatamente, ambas seriam executadas.

Recusar-se significava uma morte brutal para Rune. Mas Nan era a sua avó. A pessoa que Rune mais amava no mundo. Entregá-la seria como arrancar o próprio coração para o entregar. Então, Rune levou a mensagem até Nan, confiando que a sua avó saberia como tirá-las daquela situação.

Ela lembrava-se do olhar de aço nos olhos de Nan ao ler a mensagem. Mas, em vez de inventar um novo plano de fuga, Nan disse:

— Ele tem razão. Tens de me denunciar imediatamente.

Horrorizada, Rune abanou a cabeça.

— Não. Tem de haver outra solução.

Nan puxou Rune para os seus braços, abraçando-a com força. Rune ainda se lembrava do cheiro a óleo de lavanda que Nan colocava atrás das orelhas.

— Minha querida: eles vão matar-te se não o fizeres.

Rune chorou e correu para o seu quarto, trancando-se lá dentro.

— Se realmente me amas — disse Nan do outro lado da porta —, poupar-me-ás a agonia de te ver morrer.

Os olhos de Rune ardiam de lágrimas; a garganta sufocada pelos soluços.

— Por favor, faz isto por mim, meu amor.

Rune fechou os olhos com força, querendo acordar daquele pesadelo. Mas não era um pesadelo. Estas eram as suas escolhas: entregar a sua avó ou morrer de forma horrível ao seu lado.

As lágrimas deslizavam-lhe, quentes, pelo rosto.

Finalmente, Rune abriu a porta e saiu.

Nan apertou-a num abraço feroz. Acariciou o cabelo de Rune, da mesma forma que costumava fazer quando ela era criança.

— Tens de ser muito esperta agora, meu amor. Esperta e corajosa.

Com a ajuda de Lizbeth, Nan colocou Rune num cavalo e enviou-a a galope pela noite.

Rune lembrava-se do vento cortante e da chuva implacável. Lembrava-se de como o seu corpo tremia. A noite estava gelada, mas o medo no seu coração era ainda mais gelado.

Ela poderia ter recusado. Poderia ter caminhado diretamente até aos soldados e entregar-se no lugar de Nan.

Mas não o fez.

Porque, no fundo, Rune não queria morrer.

No fundo, ela era uma cobarde.

Encharcada e a tremer, Rune tropeçou até ao quartel da Guarda de Sangue e pronunciou as palavras que condenariam a sua avó.

A Kestrel Winters é uma bruxa e está a planear fugir, disse-lhes, traindo a pessoa que mais amava no mundo. Posso guiá-los até ela. Mas temos de nos apressar, antes que fuja.

Ela levou a Guarda de Sangue de volta a Wintersea, onde prenderam Nan, arrastando a velha mulher para fora da casa enquanto Rune observava, silenciosa e imóvel. Mantendo tudo dentro de si.

Só depois de os soldados estarem a uma distância segura, é que ela desabou no chão e chorou.

Nos dois anos seguintes, Rune tentou compensar aquela noite.

Mas Nan tinha razão: entregá-la provou que Rune era tão leal à Nova República quanto o resto deles. *Mais* leal, até. Afinal, que tipo de pessoa traía a própria avó? Uma pessoa que odiava bruxas acima de tudo.

Agora, as vidas de inúmeras bruxas dependiam desse stratagema.

As mãos trémulas de Rune apertavam as rédeas de *Lady*, e as tiras de couro cortavam-lhe as luvas de pele de veado enquanto ela observava as ruas enevoadas da capital. Se tivesse sorte, a Guarda de Sangue deteria Seraphine num local de contenção. A Guarda esperaria até capturar mais algumas bruxas antes de as transferir juntas para a prisão do palácio.

Se Rune não tivesse sorte...

O pensamento alternativo — Seraphine já aprisionada debaixo do palácio, à espera de ser purgada — fez o estômago de Rune revolver-se.

Rune impeliu a égua com mais força, tentando escapar a esse pensamento.

Era isso que precisava de descobrir naquela noite: se Seraphine ainda estava viva e, se sim, onde é que a Guarda de Sangue a estava a manter.

Quando ela e *Lady* chegaram ao centro da cidade, uma enorme estrutura abobadada surgiu da penumbra, rivalizando com o palácio em grandeza.

A ópera.

Haveria caçadores de bruxas lá dentro, sem mencionar membros do Tribunal. Alguns deles certamente saberiam onde era o novo local de contenção.

O pavilhão da ópera, com a sua cúpula de cobre, onde as carruagens deixavam os espectadores, foi a primeira coisa a aparecer. Cinco colunas maciças, cada uma com cinco andares de altura, ladeavam o pavilhão.

Surpreendia sempre Rune que o Bom Comandante permitisse que a ópera continuasse aberta. Logo após a revolução, patriotas saquearam a casa de ópera, despojando-a do seu antigo esplendor. Pinturas, estátuas e outras decorações que remetiam ao Reinado das Bruxas foram destruídas, queimadas ou atiradas ao mar. Mas o interior, com as suas folhas de ouro e assentos de veludo vermelho, permaneceu — um lembrete nítido da decadência das rainhas bruxas.

Ao entrarem no pavilhão, *Lady* abrandou o passo, e um velho moço de

estrebalaria, vestido com um uniforme preto bem alinhado, avançou do arco de entrada.

Rune desmontou. Quando os seus sapatos de seda tocaram no pavimento de pedra, as suas pernas quase fraquejaram. Cada osso do corpo a doer por ter cavalgado tão rápido para ali chegar naquela noite.

— Cidadã Winters. Está bastante atrasada esta noite.

Rune estremeceu internamente ao reconhecer a voz familiar. Preferia os moços de estrebaria mais jovens a este velho patriota. Os jovens admiravam não só a sua riqueza e conexões, mas também a sua reputação como heroína da revolução.

Carson Mercer, no entanto, mantinha-se indiferente a Rune, e o seu desprezo incomodava-a. Será que ele suspeitava, ou seria apenas um velho amargurado?

— Já vamos a meio da ópera.

Ao ouvir o tom reprovador na sua voz, Rune assumiu o seu papel. Empurrando o capuz da sua capa de lã fina, sacudiu o cabelo, deixando-o cair em ondas de um dourado-acobreado.

— Prefiro perder o primeiro ato, senhor Mercer. De outro modo, é tão aborrecido. Tudo o que importa é saber como termina. Quem se importa com o resto?

— Deveras — disse Carson, estreitando os olhos. — Uma pessoa pergunta-se porque vem, sequer. — Ele virou-se para levar a égua para os estábulos da ópera.

Desagradada com o tom de voz dele, ela gritou-lhe:

— Ora, pelos mexericos, obviamente!

Assim que ele saiu de vista, Rune tocou nervosamente no bolso secreto costurado no seu vestido, onde o seu frasco de sangue estava escondido. Sentindo-se mais tranquila, afastou o velho ranzinza da mente e entrou na ópera — onde os membros da Guarda de Sangue estariam a vangloriar-se da sua recente captura. Tudo o que Rune precisava de fazer naquela noite era manter os ouvidos atentos e fazer as perguntas certas. Quando o pano caísse, teria a informação de que precisava para salvar Seraphine.

Ela passou por várias crianças a pedir moedas ou comida ao entrar. Pelas marcas gravadas nas suas testas, percebeu que eram Penitentes. Descendentes de simpatizantes de bruxas. Isso significava que alguém na família delas se tinha recusado a denunciar uma bruxa ou tinha escondido alguma dos caçadores de bruxas.

Em vez de executar ou aprisionar os descendentes de simpatizantes de bruxas, o Bom Comandante gravava o símbolo dos Penitentes nas suas

testas, deixando todos saberem o que tinham feito. Era um aviso. Uma forma de dissuadir os outros de ajudarem bruxas.

Os dedos de Rune comichavam para abrir a bolsa de dinheiro e deixar cair algumas moedas, mas era ilegal ajudar diretamente um Penitente. E com Carson por perto, ela não se atrevia. Por isso, apenas sorriu levemente. Os sorrisos que as crianças lhe devolveram torceram-lhe o coração de culpa enquanto passava por elas.

Lá dentro, Rune descobriu que Carson tinha razão: a ópera *já* ia a meio. À sua frente, a escadaria cerimonial — dividida em duas rampas entrelaçadas — estava quase vazia. Mas a cacofonia de vozes que vinha do grande *foyer*, muito acima, era um sinal inconfundível de que o intervalo estava em pleno andamento. Apoiando a mão no corrimão de mármore frio, Rune afastou as crianças penitentes da sua mente e começou a subir.

Ela sentia os olhares dos homens à sua volta enquanto subia os degraus, as suas atenções demorando-se nela mesmo depois de passar, lembrando-a de uma conversa recente com a sua amiga Verity.

— Não achas que já está na altura de escolheres um?

Um pretendente, queria ela dizer. Um dos muitos jovens elegíveis que faziam fila para pegar nas fitas de dança de Rune nos bailes, que a convidavam para jantares românticos e a levavam em longos passeios de carruagem. Não era *Rune* que os tentava. Claro, alguns poderiam estar genuinamente interessados no belo rosto que ela apresentava ao mundo. A maioria, no entanto, estava atrás da fortuna de Nan, do seu lucrativo negócio de navegação e da vasta propriedade. Tudo «oferecido» a Rune pela Nova República pelo seu heroísmo durante a revolução.

Rune mantinha os mais úteis por perto há mais de um ano — todos de famílias bem conectadas, com acesso a segredos de que ela precisava. Segredos que muitas vezes conseguia arrancar deles em cantos escuros e alcovas sombrias.

Mas ela não podia continuar assim para sempre. A paciência deles era limitada, e Rune não podia permitir-se a fazer inimigos.

Verity tinha feito uma lista dos pretendentes mais valiosos, deixando-a na almofada de Rune na manhã seguinte à conversa.

Ela precisaria de escolher um, e teria de o fazer em breve.

Mas não esta noite, pensou, apressando-se pelos degraus. Esta noite, iria misturar-se com os filhos e filhas da revolução, roubando todos os segredos que conseguisse.

Quando Rune chegou ao topo da escadaria entrelaçada, o grande *foyer*

estendeu-se diante dela, cheio de frequentadores da ópera vestidos com sedas discretas e rendas vaporosas, com pérolas cor de creme entrelaçadas nos cabelos, todos eles iluminados por uma dúzia de pares de candelabros cintilantes pendurados no enorme salão.

— Rune Winters — disse uma voz que a fez parar. — A entrar sorrateiramente, estou a ver. Andaste num encontro com um dos teus amantes? Seguiram-se várias risadinhas escandalizadas.

A voz pertencia a Verity de Wilde — a melhor amiga de Rune. Verity estava sob as luzes com as mãos nas ancas e um sorriso brincalhão a bailar-lhe nos lábios. Caracóis castanhos e finos emolduravam-lhe o rosto pálido, e os seus olhos escuros brilhavam por trás das lentes dos óculos. Ela usava um vestido da cor de girassóis, com mangas de renda branca e um decote nas costas — um dos vestidos usados por Rune na última temporada. Originalmente, o vestido não tinha mangas, mas, como os vestidos sem mangas estavam fora de moda agora, Rune pediu à sua costureira que as acrescentasse antes de o oferecer a Verity.

Ao lado de Verity estava um grupo dos seus amigos elegantes. Homens e mulheres jovens que jantaram à mesa de Rune e dançaram no seu salão de baile centenas de vezes — e o faziam de novo naquela noite, na sua festa pós-ópera.

Amigos talvez fosse um termo generoso de mais, já que nenhum deles hesitaria em denunciá-la se soubesse quem ela era realmente.

— Ou talvez — disse outra voz, fazendo todos virarem-se — a Rune tenha passado a noite a resgatar bruxas. Dizem que a Mariposa Escarlate só atua à sombra da noite.

As palavras gelaram Rune, que olhou diretamente para os olhos penetrantes de Laila Creed. Laila era vários centímetros mais alta — o que fazia sempre parecer que olhava para Rune de cima — e era membro da Guarda de Sangue.

Ela também era bela, com maçãs do rosto proeminentes e cabelo preto como azeviche preso no alto da cabeça. Rune reconheceu o modelo do vestido azul-pavão de cintura alta. Era obra de Sebastian Khan, um costureiro popular no Continente, cuja lista de espera era de quase um ano e cujos vestidos eram a inveja da temporada. Era impossível adquirir um sem uma considerável fortuna e conexões.

Rune tinha dois no seu armário.

O facto de Laila estar a usar o raro vestido e não o uniforme significava que estava de folga naquela noite. Provavelmente, não fora uma das caçadoras de bruxas que trouxera Seraphine.

O sangue de Rune gelou ao recordar a casa vazia de Seraphine. De como os soldados da Guarda de Sangue encontraram a bruxa pouco antes de Rune chegar. Se estava a ser espiada, esse espião poderia muito bem ser Laila, que nunca gostara de Rune, por razões que ela só podia imaginar.

Colocando a máscara — a que escondia a verdadeira Rune Winters —, Rune atirou a cabeça para trás e riu-se.

— Ah! Conseguem imaginar? *Eu*, a vaguear por esta maldita ilha, noite após noite, com o seu clima horrível e a interminável lama e chuva? Pensa no que isso faria aos meus *Minews*!

Ela levantou a bainha da saia para mostrar os sapatos de seda, feitos por medida por Evelyn Minew, uma artista de alta-costura do outro lado do mundo, cujos modelos eram únicos e nunca replicados. Levou meio ano para Rune conseguir entrar em contacto com ela e mais um ano para os sapatos chegarem.

Toma lá, Laila Creed.

Ao ver os olhares de espanto e inveja, Rune largou a bainha e, sorrindo, entrou no círculo que se formava à sua volta, dando um pequeno passo à frente de Laila para a afastar. Baixando a voz, com um tom ligeiramente conspiratório, disse:

— Já ouviram esta? A vigilante contrabandeou o último grupo de bruxas pelos esgotos. Pelos *esgotos*! Imaginem só!

Os narizes enrugaram-se de nojo.

Rune nem precisou de fingir a sua reação. O estômago revirou-se ao lembrar-se: o odor putrefato a esgotos que enchia o túnel escuro, a água suja a bater-lhe nos joelhos enquanto ela e as irmãs gémeas que resgatara — tinham apenas treze anos — caminhavam quilómetros pelo fedor debaixo da cidade. Um criado encontrara os lençóis delas escondidos debaixo do soalho e denunciara as raparigas. As manchas de sangue não eram vermelhas, mas pretas — o sinal inconfundível de uma bruxa que tinha descoberto os seus poderes com o início da primeira menstruação.

Naquela noite, Alexander Sharpe — o mesmo amigo que avisara Rune sobre a aproximação da Guarda de Sangue a Nan — esperava no outro extremo com roupas limpas e um cavalo que levaria as raparigas diretamente para o cais, onde um dos navios de carga de Rune estava pronto para zarpar. Alex estava sempre à espera do outro lado. Às vezes com cavalos ou uma carruagem; outras vezes com barcos. Ele era o homem das fugas nos seus assaltos, e nunca desiludia Rune.

O navio de carga chegara ao porto há dois dias, e as gémeas enviaram uma mensagem em código a dizer que estavam seguras no Continente.

— Qualquer pessoa que prefira chapinhar em porcaria a dormir confortavelmente numa cama limpa e macia é, francamente, *nojenta*. — Sentindo-se aquecer por debaixo da sua capa, Rune desatou as borlas no pescoço.

O grupo à volta dela murmurou em concordância. Exceto uma pessoa — Laila.

— Mas não é exatamente isso que a Mariposa Escarlata diria?

Os dedos de Rune enrijeceram quando as borlas da capa se soltaram. A peça deslizou-lhe pelos ombros nus e, antes que pudesse apanhá-la, alguém se adiantou por detrás dela, apanhando a fina lã e dobrando-a sobre o braço.

— Ora, vá lá — disse uma voz reconfortante ao seu ouvido. — Se a Rune fosse a Mariposa, teria entregado a sua avó para ser purgada?

Quando o dono da voz surgiu ao lado de Rune, ela ergueu o olhar. Alex Sharpe. Na presença do seu amigo mais antigo — um verdadeiro amigo, como Verity —, todos os músculos do seu corpo relaxaram.

Ele parecia um leão naquela noite, com o cabelo dourado a brilhar à luz dos candelabros. O seu olhar era caloroso e firme no rosto dela, mas o ligeiro franzir da testa indicava que sabia onde ela estivera e que se preocupava com ela.

Noah Creed — irmão de Laila e um jovem que estava na curta lista de Verity de *Pretendentes Que Rune Deve Considerar* — interrompeu.

— A Mariposa Escarlata não ataca há semanas — disse Noah, também a defender Rune. Para apoiar esta teoria, acrescentou: — Ouvi dizer que trouxeram outra bruxa esta noite, sem qualquer entrave. A Mariposa nem sequer tentou resgatá-la.

A atenção de Rune fixou-se em Noah.

Pergunto-me onde ouviste isso?

Noah partilhava os olhos castanhos profundos da irmã, as maçãs do rosto proeminentes e o tom de pele ocre. Não só era atraente, com o casaco preto de ombros largos e lapela de seda, como também era filho do Bom Comandante. Essa posição colocava-o *muito* próximo de fontes diretas de informações privilegiadas, o que o tornava uma excelente opção.

Mas será que iria reparar na esposa a sair da cama a meio da noite? Ou a voltar exausta ao amanhecer... por vezes com nódoas negras?

Rune lançou-lhe um sorriso encantador.

— Uma bruxa? Trazida esta *noite*? Não nos provoques, Noah. Conta-nos mais.

Os olhos de Noah arregalaram-se ao perceber que era o centro da atenção dela. Mas levantou as mãos em protesto.

— O Gideon Sharpe trouxe-a. É tudo o que sei.

Gideon Sharpe.

Os lábios de Rune quase se torceram ao ouvir o nome do irmão mais velho de Alex.

Devotamente leal à Nova República, Gideon era um caçador de bruxas cruel e implacável, que enviara mais bruxas à purga do que qualquer outro membro da Guarda.

Ele também ajudara a assassinar as Rainhas Irmãs, atijando a revolução como uma fogueira.

Rune odiava-o.

Os dois irmãos Sharpe não podiam ser mais diferentes.

Ao captar o olhar de Rune, Verity ergueu uma sobrancelha escura, fazendo uma pergunta silenciosa. Em resposta, Rune puxou uma mecha de cabelo para trás da orelha, exibindo os brincos de rubi da sua avó. Colocara-os naquela noite, e pendiam das suas orelhas como gotas escarlates. Os brincos eram a sua resposta — *fracasso* —, dizendo a Verity tudo o que ela precisava de saber sobre como a noite tinha corrido. *Seraphine está nas mãos do inimigo*. Ou Verity conseguiria perceber o resto por si mesma, ou Rune contar-lhe-ia tudo antes da festa pós-ópera que organizaria mais tarde naquela noite.

Ao ver os rubis, a boca de Verity crispou-se. Desviando o olhar de Rune, limpou rapidamente a garganta.

— Bem, *eu* sempre pensei que a Senhora Blackwater fosse a Mariposa — disse, chamando a atenção do grupo enquanto olhava através do salão iluminado e barulhento para uma velha mulher de cabelo frisado e um pescoço enfeitado com demasiadas pérolas. A Senhora Blackwater estava sozinha no terraço do café da ópera, a murmurar para si mesma. — Conseguem imaginar a velha a liderar a Guarda de Sangue numa perseguição inútil? Que disfarce perfeito!

Ao que todos desataram a rir.

À medida que mais palpites surgiam, Rune aproveitou a oportunidade que Verity lhe dera e deslizou silenciosamente pela multidão, com um novo propósito: encontrar Gideon Sharpe.

TRÊS

GIDEON



Mais uma noite, mais uma bruxa. Gideon Sharpe encostou os punhos contra os ladrilhos do chuveiro. Deixando o calor abrasador da água queimar-lhe as costas, ele olhava fixamente para o sangue que escorria como tinta pela sua pele, rodopiando no ralo.

Não conseguia perceber se o sangue era real ou imaginado. Os pesadelos já não surgiam apenas enquanto dormia; muitas vezes atacavam-no em plena vigília.

Mas aquilo não era um pesadelo. Ele sabia a quem pertencia aquele sangue. Era tão real quanto ele próprio.

Não devias tê-los deixado a sós com ela.

Os irmãos Tasker adoravam desobedecer a ordens. E, embora o próprio Gideon não tivesse grande apreço pelas bruxas, não tolerava crueldade desnecessária. Quisera despedi-los da última vez que tinham espancado uma bruxa quase até à morte, mas os seus superiores informaram-no de que espancar uma bruxa até deixá-la inconsciente não era diferente de bater num rato infestado de doenças.

Assim, o abuso continuava. Esta noite fora apenas mais um episódio.

E o que vais fazer em relação a isso?

Gideon fechou os olhos e virou o rosto para a água a ferver.

Um problema para amanhã.

Agora, estava demasiado cansado para pensar. Demasiado cansado para se mover. Demorou quase um ano a capturar a poderosa bruxa que prendera naquela noite, e cavalgou sem parar para a apanhar.

Preferia não ver uma sela durante pelo menos uma semana.

Mas tinha combinado encontrar-se com Harrow, uma das suas fontes, na ópera naquela noite. Foi Harrow quem lhe deu a pista sobre o paradeiro de Seraphine, e ela tinha informações sobre a Mariposa Escarlate — aquela pedra no seu sapato. Ele estava desesperado por ouvi-las.

O pensamento deu-lhe um novo impulso. Esfregando o sabão entre as

mãos, Gideon limpou o corpo exausto, lavando-se por completo até chegar à marca cauterizada no seu peito esquerdo: uma rosa com espinhos afiados como lâminas, semienclausurada num crescente lunar.

A marca dela.

Apesar do calor do chuveiro, Gideon estremeceu.

A mais jovem Rainha Irmã podia estar morta, mas tinha-o marcado para a vida.

Gideon pensava muitas vezes em arrancar aquela marca, só para se livrar de cada maldito vestígio dela. Mas cavar a cicatriz da sua pele não apagaria as memórias da sua mente. Nem o libertaria das visões. Nem suavizaria os pesadelos.

Não importava. Cada vez que pegava na faca e colocava a lâmina afiada contra a pele, as suas mãos tremiam demasiado para fazer o trabalho bem feito. Por isso, por enquanto, ficaria.

Pensar nela fez-lhe questionar se os espíritos das bruxas particularmente maléficas podiam continuar a existir após a morte, voltando para assombrar aqueles que atormentaram enquanto vivas. Imediatamente desejou não ter tido aquele pensamento. Gideon desligou a água, lançando um olhar à sala envolta em vapor enquanto o ar frio invadia o espaço, arrepiando-lhe os pelos dos braços e das pernas.

Ela está morta, idiota. E não existem fantasmas.

Cressida podia estar morta, mas havia bruxas igualmente perigosas por aí. Há três noites, outro corpo mutilado foi encontrado, arrastado para debaixo de uma ponte. Peito rasgado. Sangue drenado. Gideon não ficou surpreendido ao saber que o corpo pertencia a um oficial da Guarda de Sangue. Eram sempre. Era o terceiro este mês.

Gideon não conseguia provar que a Mariposa Escarlate estava por detrás dos atos hediondos, mas tinha um forte pressentimento. Os assassinatos geralmente ocorriam logo antes de ela atacar, libertando os seus detidos das celas e escapando ao sistema de segurança cada vez mais apertado. Para isso, a Mariposa precisava de feitiços, e feitiços exigiam sangue. Sangue fresco.

Quem de nós será o próximo?

Passando as mãos pelo rosto, Gideon sacudiu o cabelo para se livrar da água, apanhou uma toalha e secou-se, forçando a mente a concentrar-se noutro assunto. Qualquer outro assunto.

A ópera.

Sim. Bom. Pensaria na noite de hoje, e a preparação afastaria o frio inquietante da casa de banho.

Primeiro, Gideon abotoaria o corpo cansado no uniforme e arrastar-se-ia até à ópera. Lá, enquanto uma história inútil se desenrolava no palco, Harrow contar-lhe-ia o que tinha descoberto sobre a Mariposa. E, finalmente, Gideon voltaria para casa, conceberia um plano enquanto se atirava para a cama, dormiria sem sonhos — ou assim esperava — e retomaria a caça ao monstro ao acordar, armado com novas informações.

E desta vez, ele apanhá-la-ia.

Mas, primeiro, Gideon precisava de sobreviver a uma noite na ópera. Uma atividade ainda *menos* tolerável do que arrastar-se pela lama e pela chuva a cavalo, caçando uma bruxa.

A única boa notícia era que ele ia perder a primeira metade do espetáculo.



QUATRO

RUNE

Ali no vestíbulo, os Guardas de Sangue destacavam-se como papoilas vermelhas num prado. Os seus uniformes eram impossíveis de ignorar, mesmo no meio da multidão colorida. Mas nenhum deles era Gideon.

Talvez ele não tenha vindo esta noite.

Se o irmão mais velho de Alex realmente tinha capturado Seraphine, ele poderia ainda estar a lidar com ela. Ou talvez tivesse decidido tirar o resto da noite de folga.

Rune não conseguia parar de pensar se tinha sido Gideon quem rasgara o vestido de Seraphine e a obrigara a ficar nua à chuva, enquanto ele e os seus soldados a despiram com o olhar, procurando cicatrizes.

Os dentes de Rune cerraram-se com o pensamento.

Gideon Sharpe.

Ela odiava-o.

Enquanto a raiva de Rune crepitava como uma brasa vermelha, ela moveu-se habilmente pela multidão, apresentando um rosto sorridente e alegre, comentando as últimas modas e penteados, ou os jantares *encantadores* dos abastados da Nova República a que tinha assistido na semana anterior, nunca permanecendo muito tempo em cada conversa, tudo enquanto procurava constantemente o próximo uniforme escarlate.

Ela passou pelos seus alvos habituais: afiliados da Guarda de Sangue, descendentes dos membros do Tribunal, pessoas que não só estavam bem conectadas, como gostavam de exhibir essas ligações e, ao fazê-lo, revelavam informações sem se aperceberem. As suas conversas pairavam no ar como abelhas inebriadas de pólen.

Os lustres no teto iluminavam o céu azul-escuro cheio de estrelas — uma representação que tinha sido deixada intacta após a revolução. Havia dois salões em cada lado do vestíbulo e, ao longo da parede, por trás das colunas que alinhavam a sala, estavam várias pequenas alcovas para encontros mais... ilícitos.

Rune dirigia-se ao salão, onde os membros da Guarda de Sangue costumavam reunir-se, quando uma mão agarrou o seu pulso, puxando-a para fora da multidão e para uma das alcovas sombrias.

Ao virar-se para enfrentar o agressor, encontrou olhos castanho-dourados a espreitar por debaixo de sobancelhas cor de caramelo.

A tensão esvaiu-se do seu corpo.

Era apenas Alex.

— Rune. — As pontas dos seus dedos pressionavam a pele sensível do seu pulso enquanto a puxava mais para dentro da escuridão. — Pareces prestes a ir direito ao inferno.

Rune sentiu um súbito impulso de ficar ali com ele por um tempo, onde era seguro, antes de se atirar de volta ao perigo.

— O que aconteceu esta noite? — perguntou ele.

Rune afastou o impulso, lembrando-se da sua missão.

— Ouviste o Noah? Foi *o teu irmão* que agiu esta noite — disse ela, irritada com o pensamento. — O Gideon chegou à Seraphine antes de mim.

Alex franziu a testa.

— Então tu...

Um coro de vozes — uma delas a de Laila Creed — ecoou por perto. Instintivamente, Rune puxou Alex ainda mais para a sombra, até ficarem quase peito contra peito. Ela não estava preocupada com que alguém os visse ali juntos. Simplesmente assumiriam que se tratava exatamente do que Verity fingira acusar Rune anteriormente: um caso.

O que a preocupava era que alguém os ouvisse.

Ambos se calaram, à espera de que as vozes passassem. A ponta do nariz de Rune estava a menos de um centímetro do queixo de Alex, e o cheiro dele — a couro e carvalho — enchia o ar. O pequeno espaço parecia encolher à volta deles, e, por um momento, Rune lembrou-se da noite em que entregou Nan. Alex tinha corrido para Wintersea e ficara com ela durante a noite, enquanto ela chorava.

— Preocupas-me — sussurrou ele, perto do seu ouvido.

A voz dele era cuidadosa, suave. Como se Rune fosse feita de vidro e ele tivesse de a manusear com cautela.

— Passas os teus dias a cuidar de toda a gente, mas quem cuida de ti?

— Tu tomas conta de mim — sussurrou ela para a lapela de trespasse do casaco dele. — Sem falar na Verity. E na *Lady*.

— A *Lady* é só uma égua — retorquiu ele. — E a Verity atira-se para o perigo tanto quanto tu.

Ele parecia prestes a dizer algo mais quando os sinos que sinalizavam o fim do intervalo soaram por todo o vestíbulo. Rune afastou-se do seu corpo familiar e firme e espreitou para fora da alcova. Uma coluna bloqueava a maior parte da sua visão, mas ela conseguiu ver o cabelo preto de Laila, entrançado naquela coroa da moda, dirigindo-se para as portas do auditório. O zumbido das conversas já estava a diminuir. Em poucos minutos, o vestíbulo ficaria vazio e silencioso.

E Rune ainda não tinha encontrado Gideon.

Ela recusava-se a deixar que a noite fosse um desperdício. *Precisava* de saber onde estava Seraphine.

— O teu irmão está aqui? — sussurrou ela, examinando o vestíbulo que se esvaziava como um falcão à procura do rato mais gordo.

— Não sei. Não falei com ele durante toda a semana. Porquê?

Ela não respondeu. Não era necessário. Alex sabia os pensamentos que lhe percorriam a mente.

— Rune, não. O meu irmão é perigoso — disse ele, agarrando gentilmente o ombro nu dela e virando-a para o encarar. — Para ti, especialmente.

— O teu irmão é perigoso para todas as bruxas da Nova República. — Ela soltou-se da mão dele. — Para a *Seraphine*, especialmente. Se não descobrir onde ele a pôs...

Será que ele não entendia? Ela não sabia onde Seraphine estava nem quando a iriam transferir. Pelo que Rune sabia, ela já podia estar a caminho da prisão do palácio. E se estivesse...

Nunca a conseguirei tirar dali. Vão matá-la como mataram a Nan.

Quando a Guarda de Sangue levava uma bruxa para dentro da prisão, Rune não podia salvá-la. A prisão era impenetrável.

E se eu não a salvar, falharei a última coisa que a Nan me pediu.

Era inaceitável.

— Rune.

— Que outra escolha é que eu tenho? — disse ela, voltando para ele. — *Tu* não vais fazê-lo.

Por mais leal que Alex fosse à Mariposa Escarlata, a *ela*, ele traçava um limite quando se tratava do irmão. Sob nenhuma circunstância ele influenciaria Gideon da forma como ele, Rune e Verity manipulavam o resto dos seus colegas. Rune tinha-lhe pedido uma vez, e viu os seus olhos dourados brilhantes apagarem-se. A sua resposta, inusitadamente ríspida — «Nem pensar» — impediu-a de voltar a perguntar.

Rune sabia que Alex tinha ajudado a matar a mais jovem Rainha Irmã,

Cressida Roseblood. Ele nunca falava sobre isso, exceto para dizer que o fizera por Gideon. Nesse ponto, mudava rapidamente de assunto. Rune não sabia o que isso significava. Teria Gideon pedido a Alex que matasse Cressida? *Forçou-o* a isso? Ou Alex fizera-o para salvar o irmão, de alguma forma? A última hipótese, se verdadeira, parecia estranha a Rune, já que Gideon é que era o violento; um predador nato. Ao contrário do irmão, Alex era caloroso, gentil, e desprezava o assassinato de bruxas. Para não mencionar que era devotamente leal a Rune.

O problema era que ele era igualmente leal a Gideon. Às vezes, Rune suspeitava que era ainda *mais* leal a ele. Mas, por alguma razão estranha, isso não a fazia confiar menos em Alex. No seu íntimo, ela sabia que Alex nunca a trairia.

Só que ele também nunca trairia o irmão.

O que, frequentemente, os colocava em lados opostos.

Antigamente, Rune talvez entendesse a devoção de Alex ao irmão. Anos antes da revolução, Rune queria ganhar a aprovação de Gideon. Alex era o seu amigo mais próximo na altura, e embora Rune ainda não tivesse conhecido Gideon, já tinha ouvido histórias sobre ele. Histórias tendenciosas, como agora sabia, contadas por Alex, que idolatrava o irmão mais velho.

A jovem e inocente Rune acreditou nessas histórias. E quanto mais Alex falava sobre ele, mais ela sentia que conhecia Gideon. Logo, desenvolveu o que alguns poderiam chamar de uma paixoneta. Por isso, era crucial causar uma boa impressão na primeira vez que se encontrassem.

Em retrospectiva, tudo aquilo parecia infantil e absurdo.

Quando finalmente se encontraram, Rune tinha treze anos e Gideon quinze. Ele não só recusou apertar-lhe a mão, como insultou o vestido que ela usava: uma peça que ela tinha escolhido com o único objetivo de o impressionar. Quando Alex pediu a Gideon para se desculpar, ele recusou.

As histórias de Alex estavam erradas. Muito erradas. Naquele dia, aprendeu que não podia confiar no julgamento dele sobre o irmão.

Gideon era um rapaz bruto, e Rune nunca mais se preocupou em ganhar a sua estima.

— Vou criar uma ilusão — disse a Alex agora, os dedos a tocarem no frasco com o seu sangue escondido no vestido. Sangue que tinha recolhido das regras do mês anterior. — Ele não saberá que sou eu.

Só que Rune já só tinha mais um frasco cheio depois deste. Quando

acabasse, não teria mais até ao início do seu próximo ciclo mensal. E precisava de tanto sangue quanto possível para salvar Seraphine.

Alex abanou a cabeça.

— Ele vai cheirar a tua magia. O Gideon não é um dos teus admiradores de olhos de carneirinho mal morto, Rune. Ele é...

— Então convidado-o para a minha festa pós-ópera. — Onde ela manteria o seu cálice cheio de vinho encantado e faria perguntas subtis que a levariam às respostas de que precisava.

— Ele odeia festas.

Rune levantou as mãos e sibilou:

— Então pensarei noutra coisa!

Ela virou as costas a Alex e estava prestes a afastar-se quando a voz tensa dele disse:

— Estou farto de te ver a colocares-te em perigo.

Ela parou, suspirando enquanto olhava para o vestíbulo vazio.

— Então não vejas.

Rune não esperou pela resposta dele. Saiu da alcova...

E deu de caras com um uniforme da Guarda de Sangue.

CINCO

RUNE

A sua testa colidiu com força contra um peito sólido como pedra. O impacto do soldado tê-la-ia derrubado, se ele não lhe tivesse segurado o cotovelo, estabilizando-os a ambos.

— Perdoe-me...

Rune olhou para cima. Diretamente para uns olhos tão negros e frios quanto um mar sem fundo.

Gideon Sharpe.

O seu olhar penetrante parecia cortá-la, descascando as camadas da menina que ela fingia ser, como uma faca a retirar a casca de uma maçã para alcançar a polpa macia e vulnerável por baixo.

O estômago de Rune revirou-se. Ela puxou o cotovelo para se libertar do aperto dele e recuou, o coração acelerado. O capitão da Guarda de Sangue à sua frente — responsável por enviar mais bruxas para a execução do que qualquer outro soldado — endireitou-se, as feições a mudar de uma surpresa alarmada para algo sombrio e indecifrável.

Rune amaldiçoou-se. A Mariposa Escarlate podia ter motivos para temer esse monstro. Mas Rune Winters — a herdeira fútil e superficial que ela fingia ser — não demonstraria a menor preocupação.

Antes que conseguisse reunir coragem, o olhar de Gideon desceu bruscamente sobre ela. A força da sua atenção era como uma arma apontada ao seu coração. Fez o seu pulso acelerar e o ar prender-se na garganta. Rune era um cervo, e ele era o caçador. A avaliá-la, a reparar em cada detalhe e falha, decidindo se ela valia ou não a caçada.

Um segundo depois, ele franziu o cenho e desviou o olhar.

Aparentemente, ela não valia.

— Menina Winters. As minhas desculpas, eu...

O olhar incisivo de Gideon desviou-se por cima do ombro dela, atraído pelo movimento repentino do seu irmão mais novo a sair do nicho. Ao ver Alex, a sua postura rígida relaxou.

Gideon contornou Rune como se ela fosse não apenas decepcionante, mas totalmente insignificante.

— Alex. O que se passa? Pareces perturbado.

— O quê? Oh. — Alex abanou a cabeça. — Nada de especial. Deve ser a terrível iluminação. — Ele apontou para os candeeiros a gás que brilhavam nas paredes.

Gideon inclinou a cabeça, desconfiado.

Alex rapidamente mudou de assunto.

— Quando voltaste?

— Esta noite.

Os dois irmãos eram como espelhos invertidos um do outro. Tinham os mesmos traços marcantes: queixos firmes, sobrancelhas proeminentes. Mas, enquanto Alex era dourado e caloroso como um dia de verão, Gideon era fechado e sombrio como uma sala trancada e sem janelas.

Ambos eram filhos do Dueto Sharpe — um par de amantes que começou como humildes alfaiates durante o Reinado das Bruxas. Quando o seu trabalho chamou a atenção das Rainhas Irmãs, os pais de Alex e Gideon foram recrutados pela família Roseblood para se tornarem os modistas reais, lançando-os para uma fama efémera. Ambos morreram nesse mesmo ano, pouco antes da revolução.

Qualquer pessoa nos círculos da moda ainda ficava em silêncio reverente sempre que alguém mencionava os nomes dos alfaiates.

— E então? — disse Alex, com a voz ligeiramente tensa. — Correu bem a tua caçada?

Gideon suspirou e passou a mão pelos cabelos húmidos de forma brusca.

— Apesar de um incidente infeliz, sim. Temos a bruxa sob custódia.

Falava de Seraphine.

A máscara de Rune começou a cair ao recordar-se das roupas rasgadas abandonadas na lama. Será que ele e os outros se tinham rido ao despir a mulher? Pensou no X vermelho manchado na porta de Seraphine, sabendo de quem era o sangue derramado para marcá-lo.

Como um cervo a livrar-se do medo paralisante do caçador, Rune procurou a sua voz, suprimindo o ódio antes de falar.

— Que tipo de incidente infeliz?

Gideon olhou para ela, como se estivesse surpreendido por ela ainda ali estar.

Ele fez uma pausa, a reavaliá-la.

Desta vez, foi Rune quem o observou, deixando o olhar percorrer o corpo dele. O uniforme vermelho ajustado revelava uma forma rígida e eficiente por baixo. Sem suavidade. Sem calor. Apenas músculos inflexíveis e força, como uma fortaleza impenetrável.

Ele tinha uma boca firme e cruel, e o cabelo negro ainda estava molhado da chuva ou, talvez, de um banho. E, embora devesse ter-se esforçado tanto quanto ela para caçar Seraphine, ali estava, diante dela, impecável e limpo, desde a pistola à cintura até às fivelas de latão nas botas, fazendo Rune questionar se ele teria esfregado o sangue com a mesma precisão com que os pais dele costumavam costurar os elaborados trajes para as rainhas.

A única coisa fora de lugar nele eram os nós dos dedos da mão direita. Estavam vermelhos e esfolados, como se tivessem golpeado algo.

Ou alguém.

O sangue de Rune fervia por baixo da pele. Com medo de que ele notasse a fúria nos seus olhos, olhou para cima através das pestanas, consciente do efeito que isso causava nos outros rapazes.

— Espero sinceramente que não tenhas sido ferido nesse... incidente?

Ele parecia prestes a responder quando o repentino e derradeiro toque dos sinos de intervalo o interrompeu.

Todos olharam em volta e perceberam que o grande *foyer* se tinha transformado ao redor deles. Sem as multidões a socializar, o vazio parecia maior. Os candelabros acima pareciam de repente demasiado grandes e brilhantes, e o teto pintado mais glorioso do que os seus insignificantes seres mereciam.

Os porteiros começaram a apagar os candeeiros a gás, lançando olhares irritados na direção deles. Para além das portas do auditório, a orquestra começou a tocar.

Percebendo a deixa, Gideon começou a afastar-se do irmão.

— Tenho o ringue reservado para amanhã à noite. Queres dar uns socos?

Alex acenou com a cabeça.

— Claro. Seria bom.

Antes de se virar, Gideon lançou um olhar de Alex para Rune e, depois, para o nicho de onde os dois tinham saído. Os seus lábios entreabriram-se ligeiramente, e algo pareceu despertar nos seus olhos. Fosse o que fosse, guardou para si e afastou-se a passos largos.

Alex soltou um suspiro.

Rune praguejou baixinho. Deixara-se intimidar por ele e encontrou a

coragem demasiado tarde, estragando a oportunidade de obter as informações de que precisava.

As suas mãos cerraram-se em punhos. Precisava de corrigir isso, e depressa. Só tinha algum tempo antes de transferirem Seraphine para a prisão do palácio.

Alisando o vestido, ela substituiu o esgar no rosto por um sorriso doce, preparando-se para assumir o papel que aprendera a desempenhar tão bem nos últimos dois anos. Ao ver isso, Alex estendeu a mão para ela.

— Rune, não...

Ela fugiu do seu alcance.

— *Rune*.

Ele não a seguiu enquanto ela ia atrás do irmão. Os sapatos de seda de Rune quase não faziam barulho no chão de mosaico do *foyer*, sem dar a Gideon qualquer indício de que estava a ser seguido. Por agora, os papéis tinham-se invertido. Rune era o predador; ele era a presa. E ela aproximava-se dele.

No final do corredor, onde os arcos da lógia emolduravam a cidade envolta em nevoeiro lá fora, Gideon virou e subiu uma escadaria. Uma que levava à tribuna reservada aos membros da Guarda de Sangue.

Um momento depois, Rune seguiu-o.

Erguendo as saias, subiu os degraus apressadamente, afastou as cortinas de veludo no topo e saiu para a varanda escurecida, mergulhando num mar de vermelho.

Estava cheia de caçadores de bruxas.

Rune hesitou.

Ela era a Mariposa Escarlata — uma criminosa procurada e, além disso, uma bruxa, escondida à vista de todos. Mas não era a primeira vez que entrava num local repleto de pessoas que caçavam os da sua espécie. Já o fizera centenas de vezes sem pestanejar.

Então, porque é que havia uma pequena semente de medo a brotar dentro dela?

Porque o Alex tem razão.

Num salão de guerra cheio de armas, Gideon era a mais letal, e Rune avançava em direção a essa lâmina afiada, com a garganta exposta.

Ele não suspeita de ti, disse a si mesma, tentando acalmar o zumbido no sangue. Tudo o que estes estúpidos brutamontes veem quando olham para ti é exatamente o que queres que vejam: uma socialite tola. O Gideon Sharpe não é diferente.

Munida dessa lembrança, Rune dirigiu-se para o lugar vazio na frente da tribuna. Ao lado, Gideon estava recostado, com o cotovelo pousado no encosto. Perfeitamente relaxado. Como se a execução iminente de Seraphine não o incomodasse nem um pouco.

Rune reuniu a coragem da mesma forma que ajeitava o vestido. Sentando-se ao lado dele, disse:

— Importas-te que me junte a ti?